

## LÍNGUAS EM CONTATO: SOBRE O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO

Onilma Freire dos Santos (IFMT)  
[onilma.santos@srs.ifmt.edu.br](mailto:onilma.santos@srs.ifmt.edu.br)

### RESUMO

Para o entendimento das diversas gramáticas de línguas naturais, prevê-se na gramática universal a existência de princípios e parâmetros linguísticos: princípios, iguais para todos os indivíduos, sendo rígidos para todas as línguas; Parâmetros, fixados pelo falante no processo de aquisição linguística enquanto criança que possuem dois valores de marcação (+ ou -). Após fixado o valor positivo ou negativo do parâmetro, adquire-se a gramática nuclear, que se distinguirá de outras gramáticas. Ao longo dos anos, diversas investigações têm centrado a atenção no chamado parâmetro do sujeito nulo. Acerca do Português brasileiro, estudos realizados sob o ponto de vista sincrônico e diacrônico apontam para um preenchimento cada vez maior da posição sujeito por sujeitos plenos, ao contrário do que ocorre nas línguas que usam sujeitos nulos (nomeadamente *pro*) por serem línguas que fixam positivamente o valor do parâmetro (línguas *pro-drop*) (DUARTE, 1993, 1995, 2003; ROBERTS, 1993; KATO, 2000, KATO & DUARTE, 2003). Neste trabalho, discutiremos brevemente a sintaxe comparativa sob a perspectiva da teoria dos princípios e parâmetros de Noam Chomsky, a fim de identificar possíveis interferências de línguas em contato (português/espanhol) na fala de nativos residentes no Brasil há, pelo menos, dez anos. A metodologia utilizada é oriunda da sociolinguística, a partir da coleta de dados. Tomando por base o *corpus* da pesquisa, constituído por 1508 sentenças declarativas finitas, analisamos as propriedades do parâmetro do sujeito nulo, partindo da distinção entre línguas *pro-drop* e línguas não *pro-drop*. A partir da análise das seguintes variáveis: posição do sujeito; tipo de oração; duplicação de sujeito; morfologia de flexão verbal, em contextos frásicos.

Palavras-chave: Sujeito nulo. Princípios. Parâmetros. Gramática.

### 1. Introdução

Com o advento da nova sintaxe comparativa e sob o viés da teoria gerativa, estudos comparativos entre línguas românicas, por exemplo, vêm ocupando espaço significativo no âmbito das investigações linguísticas desde a década de 80, no século XX (RIZZI, 1989). Mary Aizawa Kato e Jânia Ramos (1999, p. 105-146) fizeram um apanhado dos estudos desenvolvidos no âmbito da sintaxe gerativa desde a década de 60, quando o gerativismo dava ainda seus primeiros passos no Brasil, tomando por base os artigos de Miriam Lemle (1967) e Joaquim Matoso Câmara Jr. (1967).

Estudiosos como Eunice Pontes (1969-1973), Leila Barbara (1971-1975) e Mary Aizawa Kato (1972-1974) produziram as primeiras dissertações e as primeiras teses na linha da sintaxe gerativa no país. Entre os temas abordados, destacam-se: a) o léxico e a sintaxe, centrando a atenção na decomposição léxico-semântica dos verbos, a fim de correlacionar o papel semântico dos argumentos ao tipo de complementação: acusativas e inacusativas (MIRANDA, 1975; LOBATO, 1978; BERTHIER, 1974; AZEVEDO, 1977; FÁVERO, 1974/1982); b) as estruturas sintáticas do português (ALMEIDA, 1977; MARTINS, 1976; IKEDA, 1977; MAIA, 1975; PERINI, 1977); c) as estruturas simples (CUNHA, 1978; ARRUDA, 1978; BRANCO, 1979) e d) as estruturas oracionais complexas (RODRIGUES, 1975; CARDOSO, 1976; ROMUALDO, 1975; MORAIS, 1971) entre outros. Concernente aos estudos comparativos entre línguas, dá-se destaque ao trabalho de Senday (1975) que compara o português e o espanhol no que se refere aos clíticos. Todos esses trabalhos foram de extrema importância para o avanço dos estudos linguísticos que se desenvolveram à luz da teoria gerativista.

Alguns anos depois, tomou fôlego no Brasil a abordagem do modelo de princípios e parâmetros, após a publicação das teses de Milton do Nascimento (1984) e Moreira da Silva (1983) na França. Charlotte Galves também figura como uma das pioneiras dos estudos nesse modelo com trabalhos acerca do objeto nulo referencial (1984), das particularidades das construções com o pronome *SE* (1986) e do enfraquecimento da concordância no português brasileiro (PB) (1993).

A partir do acima exposto, é fundamental entendermos, em linhas gerais, em que consiste a teoria gerativa desenvolvida por Noam Chomsky (1981, 1986) para a compreensão da nossa proposta de reflexão, tomando por base sua concepção de língua. Para o gerativismo, a mente é organizada em faculdades e cada uma delas apresenta princípios próprios, entre elas, a faculdade da linguagem, que diferencia o homem dos animais.

Nessa perspectiva, a língua é “um conjunto (finito ou infinito) de frases, cada uma finita no seu tamanho e construída a partir de um conjunto finito de elementos” (CHOMSKY, 2002, p. 13), vale esclarecer que é a recursividade que faz com que se produzam frases infinitamente. Alguns conceitos que emergem da teoria gerativa são importantes para a reflexão aqui proposta, como os conceitos de competência, desempenho e gramática universal. Foi partindo dos conceitos aqui apresentados que desenvolvemos nossa pesquisa e nossa reflexão acerca da influência/in-

terferência que o português brasileiro (PB) exerce sobre o espanhol europeu (EE), no que concerne ao parâmetro do sujeito nulo. Para tanto, entrevistamos falantes de língua espanhola, nativos da Europa e que residem no Brasil há mais de 10 anos, a fim de identificar tais interferências.

## 2. *Fundamentação teórica*

A história do comparativismo nos estudos linguísticos data de muitas décadas. A linguística comparativa constituiu-se no século XIX a partir dos trabalhos de Franz Bopp (1816; 1833 – 1852). A princípio, o objetivo das comparações era relacionar línguas para estabelecer o grau de parentesco existente entre elas. Nesse mesmo contexto, surgiram outros nomes de pesquisadores que se debruçavam sobre a língua sob a perspectiva comparativista. Entre eles, podemos citar Max Muller, com estudos comparativos (*Lições Sobre a Ciência da Linguagem*, 1816), Ernst Curtius (*Princípios de Etimologia Grega*, 1879) que conciliou a gramática com a filologia clássica, e August Schleider (*Breviário de Gramática Comparada das Línguas Indo-germânicas*, 1816).

Todos esses estudos, contudo, apesar de terem métodos, chegarem a objetivos preestabelecidos cientificamente, não instituíram a linguística como ciência da linguagem, fato que só ocorreu a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure, período em que a linguística, sob influência do positivismo, torna-se uma ciência autônoma, independente de outros estudos (literários, filosóficos, lógicos, históricos). É com Ferdinand de Saussure, portanto, que a linguística passa a ganhar seu *status* como ciência da linguagem:

De modo geral, desde a fase gramatical iniciada pelos gregos, passando pela filológica, pela gramática comparada e pela neogramática, os estudos tinham um caráter histórico das línguas e não conseguiam delimitar um objeto de estudo. Somente no início do séc. XX, a partir da publicação, em 1916, do *Curso de Linguística Geral* (CLG) organizado pelos alunos Bally e Sechehaye e baseado nas ideias expostas nas aulas de Ferdinand de Saussure, que a Linguística passou a ser considerada ciência. (SOARES SALGADO, 2009, p. 93).

Com o passar dos tempos, os objetivos dos estudos comparativistas foram expandindo seus horizontes, modificando-se, a fim de responder às demandas que surgiam. Desse modo, comparar apenas para identificar parentescos linguísticos não era suficiente para dar conta dos questionamentos que emergiam juntamente com as demandas dos diferentes contextos históricos e sociais. Foram, assim, estabelecidos os alicerces da

gramática comparada, que não tardaria a adquirir caráter científico, graças ao trabalho de Rasmus Rask (1814), na Dinamarca, e Jacob Grimm (1819), na Alemanha.

Com a expansão do método comparativista, novos olhares foram lançados sobre o objeto de estudo da linguística, de modo que a descrição histórica não era mais o objetivo principal das reflexões, abrindo espaço para o estudo da linguagem em si e seu caráter social. Surgem novas escolas linguísticas, como o estruturalismo europeu, representado por Ferdinand Saussure, e o estruturalismo americano, representado por Leonard Bloomfield.

Até esse momento, o contexto linguístico frásico e as estruturas sintáticas não eram exploradas a partir de uma visão inatista de língua, o que só aconteceu mais à frente com a publicação de *Syntactic Structures (Estruturas Sintáticas)* (1957), de Noam Chomsky, dando surgimento a uma nova perspectiva teórica: o gerativismo. Apesar das inúmeras críticas, a teoria chomskyana tem oferecido diversas contribuições para a Linguística enquanto ciência e, além disso, tem reformulado seus modelos teóricos com o passar dos anos. É em 1981 que Noam Chomsky propõe o modelo de princípios e parâmetros, quando os estudos da sintaxe comparativa tomam fôlego:

Uma linha de investigação bastante profícua nos últimos anos tem sido a da sintaxe comparativa, especialmente para análises que têm correlacionado fenômenos de variação linguística à linguística formal, e a gramática gerativa chomskyana tem fornecido o suporte teórico indispensável para as análises empreendidas (MOURA, 2005, p. 49).

Com base nessa sintaxe comparativa, oriunda das reformulações estabelecidas por Noam Chomsky, e na teoria do modelo de princípios e parâmetros, que estabelecemos comparação entre a língua portuguesa e a Espanhola, mais especificamente, o português brasileiro e o espanhol peninsular, falado por nativos residentes no Brasil, tomando por base a interferência daquela nesta, em relação ao parâmetro do sujeito nulo (parâmetro do sujeito nulo). Para o entendimento da variação sob a perspectiva de análise aqui adotada, é imprescindível assumirmos a existência da gramática universal composta por princípios (propriedades invariantes das línguas) e por parâmetros, responsáveis pelas variações entre as línguas, cujo valor positivo ou negativo será fixado pela criança em processo de aquisição.

Todas as línguas naturais têm a posição de sujeito projetada, garantindo assim a existência na gramática universal do princípio de proje-

ção estendida (*Extended Projection Principle* - EPP). O que as difere é, portanto, o modo como essa posição é preenchida: se por um sujeito pleno, se por um sujeito nulo (CHOMSKY, 1981; RIZZI, 1989, 1997). Jean-Yves Pollock (1998) afirma que o objetivo dos estudos no âmbito da sintaxe comparativa é correlacionar as variações sintáticas evidenciadas entre diferentes línguas ou entre diferentes estágios de uma mesma língua.

A sintaxe comparativa diferencia-se, por exemplo, da perspectiva comparativa dos neogramáticos que comparavam a língua a fim de buscar sua familiaridade a partir de um viés histórico. O objeto de estudo deixa de ser, primordialmente, histórico, abrindo espaço para investigações psicológicas (cognitivas) e interagindo, assim, com outras áreas de estudo, como a psicolinguística e a própria psicologia. Acerca dessa diferenciação, Maria Denilda Moura e Jair Farias (2005, p. 53) corrobora que:

[a] nova sintaxe comparativa difere da tradição comparativa clássica no que se refere ao seu objetivo fundamental que não é histórico, mas psicológico: o objetivo fundamental do programa não dá conta do desenvolvimento das línguas, (mesmo que existam consequências significativas para a Linguística Histórica), mas dá conta do objeto cognitivo, o conhecimento da língua que os falantes partilham e a aquisição desse conhecimento.

Refletindo acerca de aspectos concernentes à linha da sintaxe comparativa, Luigi Rizzi (1989) afirma que a questão da aquisição e do inatismo, perspectiva segundo a qual existe um eixo biológico comum a todos no estágio inicial da aquisição de línguas, é um dos problemas empíricos fundamentais do programa, bem como a necessidade de se reconhecer o papel da experiência e das propriedades intrínsecas no processo linguístico. Maria Denilda Moura e Jair Farias (2005) afirmam ainda que, para podermos identificar o que diferencia e o que aproxima as diferentes línguas, no que concerne à sintaxe, é necessário um estudo comparativo que possibilite aos pesquisadores reconhecer o papel das experiências e das propriedades intrínsecas no desenvolvimento do saber linguístico do falante adulto. É exatamente nessa perspectiva que se enquadra nossa pesquisa, pois não desconsideramos o histórico social do falante adulto.

Ainda sobre a sintaxe comparativa, Richard S. Kayne (1996-2000) a considera como uma nova faceta da teoria sintática por ser de grande importância para uma melhor compreensão da fixação de parâmetros em línguas e dialetos estudados sob esta perspectiva. O autor advoga que o viés comparativista colabora para a compreensão das propriedades da língua que não são universais e que tal investigação deve ocorrer junto

ao estudo de suas propriedades universais, tendo em vista que as propriedades universais (princípios) interagem com as não universais (os parâmetros). Sobre os estudos paramétricos, Mary Aizawa Kato (2002 *apud* MOURA & FARIAS, 2005, p. 54) afirma:

Na linguística gerativa a preocupação com a diversidade sintática só é manifestada explicitamente no modelo de princípios e parâmetros a partir da década de oitenta (CHOMSKY, 1981, 1982, 1986). Até então, a preocupação primordial era determinar os princípios invariantes que governam as línguas e não o que permitia sua diversidade. Com a introdução da noção de parâmetros, há uma explosão de trabalhos empíricos em linguística comparativa, histórica e psicolinguística.

Tomando como exemplo as línguas românicas, podemos afirmar que todas apresentam princípios e parâmetros. Como exemplo de princípio, podemos citar o fato de que todas projetam a posição de sujeito. Esse princípio, na gramática gerativa, denomina-se princípio de projeção estendida. Como parâmetro a esse princípio, tem-se o fato de as línguas preencherem ou não a posição do sujeito por pronomes realizados foneticamente (plenos). Desse modo, os princípios aproximam as línguas, ao passo que os parâmetros podem diferenciá-las.

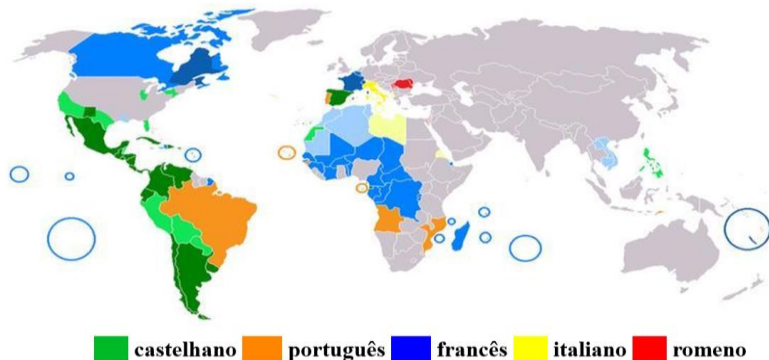


Imagem 1: Mapa das línguas românicas

Chamamos línguas românicas todas as línguas oriundas do latim, mais especificamente, do latim vulgar. Trata-se da união entre a língua latina e as línguas trazidas pelos chamados “invasores bárbaros” no século IV. Entre o latim e as chamadas línguas românicas, ou neolatinas, surgiram várias línguas chamadas romances. São exemplos de línguas românicas o castelhana (ou espanhol), o português, o francês, o italiano e o romeno (observe o mapa abaixo). Interessa-nos nesta pesquisa, especificamente, o espanhol e o português falado no Brasil, embora dados em

outras línguas possam ser apresentados para facilitar a compreensão da reflexão aqui proposta.

A posição obrigatória de sujeito é, portanto, sob a perspectiva da gramática gerativa, um princípio linguístico presente em todas as línguas. Ao contrário do que é enunciado nas gramáticas normativas de que há oração sem sujeito, quando construída por verbos meteorológicos e impessoais.

A partir de um estudo comparativo entre línguas, observarmos a existência de sujeito nesses contextos. Por exemplo, em uma oração construída com o verbo “chover, verificamos que, na posição sujeito, há um sujeito sintático realizado foneticamente (ou seja, um expletivo pleno) em línguas como o inglês (1a) e o francês (1b), ou um nulo expletivo (*pro<sub>expt</sub>*) em línguas como o espanhol (2a) e o português brasileiro (2b):

(1) a. <b>It</b> rained yesterday.	(2) a. ____ llovió ayer.
b. <b>Il</b> a plu hier	b. ____ choveu ontem

Acerca do sujeito e seu comportamento nas línguas românicas, podemos afirmar que, em relação ao parâmetro do sujeito nulo, as línguas românicas apresentam comportamentos diferenciados. À guisa de exemplo, o espanhol é considerado uma língua de sujeito nulo prototípica [+ *pro-drop*], enquanto o português brasileiro vem perdendo a marcação positiva, passando a ser considerada uma língua semi-*pro-drop*:

Chomsky (1981) e Rizzi (1988: 15) deixam claro que, nas línguas românicas de sujeito nulo, seu apagamento é uma obrigação, não uma opção. Segundo Duarte (1995: 29), “a opção parece ficar por conta do uso pronome pleno quando a interpretação estiver comprometida”. É o que ocorre no espanhol e no italiano e, exceto pelas orações relativas, no português europeu. (SILVA, 2006, p. 21)

No português brasileiro, o sujeito nulo demanda obrigatoriedade em alguns contextos, como em contextos de orações encaixadas com sujeitos correferentes e em orações imperativas, por exemplo. Contudo, algumas mudanças vêm favorecendo o preenchimento da posição sujeito, afastando o português brasileiro do português europeu no que diz respeito ao parâmetro do sujeito nulo, principalmente pelo enfraquecimento da morfologia de flexão verbal “[n]o português brasileiro há uma frequência substancial do preenchimento da posição pré-verbal do sujeito com pronomes plenos, ao contrário do português europeu”. (SILVA, 2004, p. 288)

Contextos		PB		EE	
		SN	SP	SN	SP
<b>Orações coordenadas</b>	Sujeitos correferentes	x		x	
	Sujeitos não correferentes	x	x		x
<b>Orações subordinadas completivas</b>	Sujeitos correferentes	x	-	x	-
	Sujeitos não correferentes	x	x	x	-
<b>Orações subordinadas adverbiais</b>	Sujeitos correferentes	x	x	x	-
	Sujeitos não correferentes		x	x	-
<b>Orações adverbiais gerundivas</b>	Sujeitos correferentes	x	-	x	-
	Sujeitos não correferentes	-	-	-	-
<b>Orações adverbiais Participiais</b>	Sujeitos correferentes	x	-	x	-
	Sujeitos não correferentes	-	-	-	-
<b>Orações adverbiais Finitas</b>	Sujeitos correferentes	x	x	x	-
	Sujeitos não correferentes	x	x	x	x
<b>Contextos de pergunta-resposta com focalização do sujeito</b>		-	x	-	x
<b>Orações imperativas</b>		x	-	x	x
<b>Respostas a interrogativas QU- que não incidem sobre o sujeito</b>		x	x	x	-
<b>Respostas a interrogativas totais</b>		x	x	x	-
<b>Interrogativas “tags”</b>		x	x	x	-

**Resumo dos contextos de sujeitos nulos e plenos na gramática adulta do português brasileiro e do espanhol europeu**

Vale referirmos que uma proposta de explicação para o preenchimento ou não da posição de sujeito nas línguas românicas advém das reflexões de Knut Tarald Taraldsen (1978) que afirma que as línguas que possuem flexão verbal rica apresentam sujeito nulo, ao contrário das línguas que apresentam flexão verbal pobre, cujos sujeitos precisam, obrigatoriamente, ser realizados foneticamente.

Se compararmos uma língua considerada de flexão verbal pobre como o inglês a línguas de flexão verbal rica como o espanhol e o português europeu, podemos observar que, nestas, as desinências verbais de flexão podem identificar e recuperar o sujeito nulo. Observemos, a se-



guir, a conjugação do verbo cantar em inglês (*to sing*), espanhol e em português europeu no presente do indicativo:

INGLÊS	ESPAÑHOL	PE
I <b>sing</b>	(yo) canto	(eu) canto
You <b>sing</b>	(tu) cantas	(tu) cantas
He <b>sings</b>	(el) canta	ele canta
We <b>sing</b>	(nosotros) cantamos	(nós) cantamos
You <b>sing</b>	(vosotros) cantáis	(vós) cantais
They <b>sing</b>	(ellos) cantan	(eles) cantam

Conjugação do verbo cantar em inglês, espanhol e português europeu

Não obstante, essa interface entre a morfologia e a sintaxe é refutada por alguns teóricos que utilizam como argumento línguas que não possuem um paradigma flexional rico e licenciam sujeitos nulos como é o caso do chinês (cf. HUANG, 1984; MODESTO, 2004). Segundo Humberto Soares da Silva (2006, p. 21):

A partir do trabalho de Cheng-Teh James Huang (1984), que encontrou sujeitos nulos em línguas como o chinês, que apresenta uma flexão pobre (o paradigma verbal nessa língua não possui marcas de modo, tempo, número e pessoa), novas hipóteses sobre o licenciamento do sujeito nulo tiveram que ser levantadas. De acordo com Jaeggli & Safir (1989), não é um paradigma rico ou forte o que licencia o apagamento do sujeito, mas um paradigma uniforme, constituído apenas de formas “derivadas” (com desinências) ou “não derivadas” (só com o radical). Um paradigma contendo, simultaneamente, formas derivadas e não derivadas, segundo os autores, não licencia o sujeito nulo.

A argumentação de Cheng-Teh James Huang defende, a partir de dados da língua chinesa, que a presença de argumentos nulos no chinês está diretamente atrelada a outro parâmetro, que diferencia línguas orientadas para a sentença e línguas orientadas para o discurso, argumento ponderado em princípio por Tsao (1977). Sobre o assunto, Cláudia Roberta Cláudia Roberta Tavares Silva (2004, p. 286), citando Cheng-Teh James Huang (1989, p. 187) observa, ao analisar uma frase como *Zhangsan shuo [e hen xihuam Lisi]*. (“Zhangsan disse que (ele) gostou de Lizi”), a autora verifica que

o sujeito nulo da oração subordinada representado por *e* pode referir-se ou ao sujeito da oração matriz *Zhangsan*, isto é, pode ser controlado por este último sujeito que está numa posição mais alta na estrutura frásica, ou pode referir-se a alguma outra pessoa cuja referência já é dada no domínio do discurso que seria correspondente a um tópico do discurso.

Acredita-se, portanto, que o chinês é uma língua orientada para o discurso. No concernente ao português brasileiro, muitos estudos têm de-

fendido a mesma visão no sentido de que é uma língua orientada para o tópico. (Cf. KATO & DUARTE, 2005; DUARTE, 1993; FIGUEIREDO SILVA, 1996; COSTA, 2011).

A observação de algumas destas diferenças *entre o PB e o PE* leva alguns autores a propor que o PB se tenha distanciando do PE por se ter tornado uma língua de proeminência de tópico, no sentido de Li e Thompson (1976), adquirindo um estatuto de língua orientada para o discurso. (FIGUEIREDO SILVA, 1996, *apud* DUARTE & KATO, 2008).

Como características de línguas orientadas para o discurso, podemos elencar, apoiados em João Costa (2011, p. 129), os seguintes aspectos retirados do mesmo autor:

1. Ocorrência irrestrita de sujeitos duplos
2. Sujeitos lexicais locativos e dêiticos (DUARTE, 2004)
3. Construções existenciais personalizadas com a inserção de pronomes
4. Hiperelevação do sujeito com “parecer” (FERREIRA, 2000 *et al*)
5. Ergatização de verbos transitivos
6. Elevação de genitivos em construções inacusativas

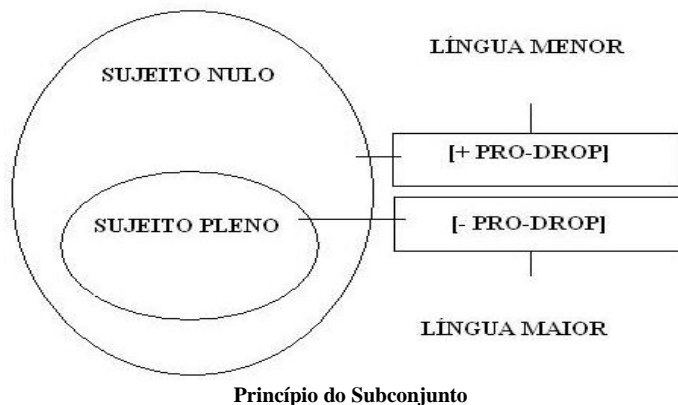
Vejamos agora a conjugação do verbo *chanter* (cantar) em francês no presente do indicativo, uma língua românica que, devido a mudanças históricas, não mais licencia sujeitos nulos<sup>105</sup>, fixando, portanto, o valor negativo do parâmetro do sujeito nulo:

<b>Je</b> chante une chanson	*chante une chanson
<b>Tu</b> chantes une chanson	*chantes une chanson
<b>Il</b> chante une chanson	*chante une chanson
<b>Nous</b> chantons une chanson	*chantons une chanso
<b>Vous</b> chantez une chanson	*chantez une chanson
<b>Ils</b> chantent une chanson	*chantent une chanson

Conjugação do verbo *chanter* (cantar) em francês

<sup>105</sup> Todas as formas rítmicas do francês, em que pesem as diferenças morfológicas são pronunciadas da mesma forma (*lchât*), de modo que apenas as arrítmicas *chantons* e *chantez* se distinguem claramente; daí a necessidade do uso dos pronomes pessoais na conjugação francesa, diferentemente das outras línguas (BASSETTO, 1999, p. 61-67)

Raposo (1992), citando os trabalhos de Berwick (1982) e Wexler e Manzini (1987), observa que o valor negativo de um parâmetro é um subconjunto do positivo, o que culmina no chamado Princípio do Subconjunto. Para clarificarmos essa ideia, veja-se a seguinte figura<sup>106</sup>:



Se adotássemos a teoria do subconjunto, classificaríamos o português brasileiro como uma língua [+*pro-drop*] por licenciar, em algumas situações, sujeitos nulos. Essa perspectiva, contudo, é cada vez menos aceita, pois diversas pesquisas têm atestado que o português brasileiro vem apresentando proporções cada vez maiores de sujeitos plenos, como bem afirma Humberto Soares da Silva (2006, p. 29):

De acordo com a teoria do Subconjunto, o português seria considerado uma língua de sujeito nulo [+ *pro-drop*], por admitir o apagamento, o que é compatível com o que as gramáticas tradicionais pregam. Porém, inúmeros trabalhos mostram que as taxas de preenchimento do sujeito no português brasileiro são cada vez maiores [...] Estamos, então, diante de uma provável mudança na marcação do parâmetro: quando (e se) todos os sujeitos forem preenchidos no PB (respeitadas as condições pragmaticamente marcadas), teremos uma língua [- *pro-drop*], como o francês e o inglês.

Analisando o preenchimento da posição sujeito e sua relação com a morfologia de flexão verbal nas línguas românicas sob a perspectiva da gramática gerativa, cabe uma análise dessa temática a partir do viés da gramática normativa.

<sup>106</sup> Imagem retirada de Humberto Soares da Silva (2006, p. 29).

## **2.1. O preenchimento do sujeito no português brasileiro e no espanhol: sob o viés da gramática normativa**

A concepção de sujeito na perspectiva da gramática normativa é bem diferenciada da visão da gramática gerativa. Vale, primeiramente, diferenciarmos a gramática normativa da gerativa. A gramática gerativa tem como objetivo não apenas descrever, mas explicar o conhecimento linguístico internalizado, opondo-se assim ao modelo distribucional e aos constituintes imediatos, ambos de caráter estruturalista por fazerem parte de uma linha teórica que busca compreender a criatividade do falante, sua capacidade de produzir e compreender sentenças inéditas. Enfim, a gramática gerativa está diretamente relacionada aos questionamentos chomskianos acerca da linguagem. (CHOMSKY, 1994, p. 23):

- O que constitui o conhecimento da língua?
- Como é adquirido o conhecimento da língua?
- Como é usado o conhecimento da língua?

As respostas a tais questionamentos estão na base das investigações gerativistas. Como consequência da primeira pergunta, temos um dos pilares de investigação da gramática gerativa; em resposta à segunda pergunta, entra-se no campo da aquisição da linguagem, nas especificidades da gramática universal e na sua maneira de interação com a experiência; já a terceira questão encontra base na teoria do desempenho linguístico. Segundo Celso Novaes (2006, p. 1)<sup>107</sup>

A gramática gerativa preocupa-se prioritariamente com a caracterização dos estados mentais correspondentes ao conhecimento gramatical que um indivíduo normal tem de uma língua particular. (...). Tal caracterização deve, segundo Chomsky (1986), ser adequada tanto do ponto de vista descritivo quanto do ponto de vista explicativo. A adequação explicativa pressupõe que a descrição de uma gramática particular deva ser compatível com o modo como as crianças adquirem a linguagem.

Ao contrário da gramática gerativa, a gramática normativa, por sua vez, tem como ponto fulcral a prescrição, limitando e determinando as regras do “bem falar e escrever”. Seu objetivo é determinar a estrutura “ideal” que, devido ao seu caráter prescritivo, deve ser seguida como a única aceitável.

---

<sup>107</sup> Texto intitulado *Teorias da linguagem: a gramática Gerativa e as patologias da linguagem*, referente à palestra apresentada em 26/05/2006 no II Fórum de linguagem, no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

De início, lancemos mão de uma discussão que há muito persiste quando pensamos o sujeito sob a ótica da gramática normativa: o sujeito é um termo essencial da oração. Ora, não estamos em desacordo com tal afirmação, pelo contrário, corroboramos que o sujeito, mesmo que não se realize foneticamente, sempre estará presente em todas as orações, conforme já enunciado na seção anterior.

A grande questão é que a gramática normativa, ao mesmo tempo em que afirma a essencialidade do sujeito para a oração, afirma também a existência de orações sem sujeito, em caso de orações construídas com verbos impessoais, por exemplo. Desse modo, para os adeptos da gramática normativa, “alguns verbos não possuem sujeito, constituindo, portanto, orações sem sujeito”. (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 129), configurando-se assim em uma incoerência: se o sujeito é essencial, como ele inexistente em alguns casos? Resolvendo a questão, assumimos, a partir do viés teórico da gramática gerativa, o princípio de projeção estendida já apresentado na seção anterior, que postula que toda oração possui uma posição de sujeito.

Recorrendo a diferentes gramáticas normativas da língua portuguesa, percebemos que em geral se confunde a noção de sujeito com a noção de tópico, atribuindo àquele uma noção discursiva e não sintática.

- \* Rocha Lima (2002, p. 234): “Sujeito é o ser de quem se diz algo”.
- \* Celso Pedro Luft (2002, p. 45): “Sujeito é o ser de quem se diz alguma coisa, é o elemento com o qual concorda o verbo”.
- \* Celso Cunha e Lindley Cintra (2001, p. 122): “O sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração”.
- \* Ernani Terra (1996, p. 203):  
 Num enunciado completo, sempre nos é dada uma informação a respeito de alguém ou de alguma coisa. O elemento a respeito do qual se informa algo se denomina sujeito. A informação propriamente dita recebe o nome de predicado. (...) Em síntese, Sujeito é o elemento da oração sobre o qual se emite uma informação.
- \* Faraco e Moura (1994, p. 113): “Sujeito é o termo que denota o ser a respeito de quem ou de que se faz uma declaração”.

É fato que há casos em que o sujeito pode ser o tópico no caso de este ser não-marcado (Ex.: João comeu o bolo) e há casos em que o sujeito não é o tópico pelo fato de este ser marcado, por exemplo, na frase, *o bolo, João comeu*, em que o sintagma nominal “bolo” é o tópico-

marcado (cf. DUARTE, 2003). Sobre os estudos realizados, por exemplo, acerca do tópico-marcado, e Mônica Tavares Orsini e Mayara Nicolau de Paula (2011, p. 237) afirmam que:

[n]o que diz respeito ao Português Brasileiro (PB), alguns estudos já foram feitos sobre as construções de tópico marcado, expressão utilizada por Mateus (2003), tendo sido precursor o trabalho de Pontes (1987). É possível identificar no PB quatro estratégias distintas de construções de tópico marcado, a saber: anacoluto ou tópico pendente, topicalização, deslocamento à esquerda e tópico-sujeito. (Cf.: PONTES 1987 *apud* BERLINCK, DUARTE & OLIVEIRA, 2009)

No tópico marcado anacoluto, não há ligação sintática entre o tópico e o comentário (ou seja, o que se diz acerca do tópico), mas apenas relação semântica; na topicalização, o tópico apresenta relação sintática com uma categoria vazia (representada aqui pelo tracejado \_\_\_) do comentário; no tópico-sujeito, o tópico é reinterpretado como sujeito da sentença; no deslocamento à esquerda, há elementos externos à sentença que são retomados no interior do comentário por meio de um pronome equivalente ou outro elemento. Sobre os tipos de tópicos marcados e para uma melhor compreensão de sua natureza, vejamos exemplos retirados das mesmas autoras:

***Anacoluto:***

- (3) A seleção brasileira, quando começou a copa do mundo, um campeonato que é pra valer mesmo a coisa muda de figura. (fala popular).

***Topicalização:***

- (4) Banana frita<sub>i</sub> de vez em quando a gente faz \_\_\_<sub>i</sub> (fala culta).

***Tópico-sujeito:***

- (5) As casas antigas eram famílias grandes. (fala culta).

***Deslocamento à esquerda:***

- (6) Os vizinhos<sub>i</sub>, qualquer coisa eles<sub>i</sub> comunicam à gente. (fala popular). (ORSINI & PAULA, 2011, p. 240)

O tópico é, portanto, um termo que torna explícita a pessoa ou coisa acerca da qual tecemos um comentário que, embora ocorra com frequência, nem sempre é correlato ao sujeito sintático que pode ser argumental ou não, neste último caso, em se tratando dos expletivos.

Centrando agora nossa atenção na gramática normativa da língua espanhola, observamos que se conceitua sujeito da mesma maneira que a

gramática da língua portuguesa, apresentando os mesmos problemas conceituais. Sobre esses problemas, Carmen Lepre (2006)<sup>108</sup> afirma:

Es seguro que si preguntamos ¿Qué es el sujeto? obtendremos respuestas variadas y válidas todas, en tanto respondan a fundamentaciones que las sustenten. Ser "aquello de lo que se habla en la oración", o el sintagma que "concuere en número y persona con el verbo", o el "argumento externo" del verbo, no son más que distintos aspectos parciales de una misma y compleja realidad.

No que diz respeito à língua espanhola, recorreremos a diferentes gramáticas normativas e verificamos os seguintes conceitos de sujeito:

\*Andrés Bello (2004, p. 61):

Tomemos una frase cualquiera sencilla, pero que haga sentido completo, verbigracia: el niño aprende, los árboles crecen. Podemos reconocer en cada una de estas dos frases, dos partes diversas: la primera significa una cosa o porción de cosas, el niño, los árboles; la segunda da a conocer lo que acerca de ella o ellas pensamos, aprende, crecen. Llámase la primera sujeto o supuesto, y la segunda atributo; denominaciones que se aplican igualmente a las palabras y a los conceptos que declaramos con ellas.

\* Aguirre (2004, p. 108): "Sujeto: Es el elemento de la oración del cual se dice algo"

\* Llorach (2000, p. 257):

el sujeto y el predicado, que se entienden tradicionalmente como "aquello de que se dice algo" el primero, y el segundo "lo que se dice del sujeto" (...) el signo gramatical o morfológico del verbo funciona como el auténtico sujeto (esto es, la persona designada por la terminación verbal), y que debe llamarse sujeto gramatical o, si se prefiere, sujeto personal.

É importante pontuarmos que há uma ênfase dada às desinências número-pessoais que são capazes de recuperar os traços gramaticais do sujeito oculto (também denominado sujeito gramatical): "las terminaciones verbales señalan la persona que funciona como sujeto gramatical y no hace falta un sujeto explícito si la situación es inequívoca". Emilio Alarcos Llorach, (2000, p. 199). Segundo o linguista espanhol Olga Fernández Soriano (1999, p. 1224):

El español permite omitir los pronombres de sujeto, esto es, junto a una oración como *Ella ha venido* existe la posibilidad de la paralela sin pronombre, *Ha venido (...)* Así, nuestra lengua difere de otras, como el inglés, que sólo permiten, con verbos conjugados, construcciones en que el sujeto aparece

---

<sup>108</sup> El sujeto en la *Gramática de la lengua española*, de Emilio Alarcos Llorach, por Carmen Lepre, disponible em: <http://www.elcastellano.org/ns/edicion/2006/septiembre/sujeto.html>

expresado (He saw her). Esta posibilidad, que se da también en italiano y en otras lenguas no emparentadas, se ha puesto en relación con la riqueza que presenta el paradigma verbal, es decir, con el hecho de que la desinencia flexiva del verbo permita, por sí sola, distinguir entre las distintas personas gramaticales.

No dicionário da Real Academia Espanhola, o sujeito é definido como uma função oracional, ou seja, um termo sintático:

Función oracional desempeñada por un sustantivo, un pronombre o un sintagma nominal en concordancia obligada de persona y de número con el verbo. Pueden desempeñarla también cualquier sintagma o proposición sustantivados, con concordancia verbal obligada de número en tercera persona<sup>109</sup>.

Embora a definição de sujeito esteja em concordância nas gramáticas normativas das línguas portuguesa e espanhola, existem situações em que a gramática da língua espanhola exige que o sujeito seja realizado foneticamente na oração. Observemos alguns exemplos<sup>110</sup> desse preenchimento:

- a) Em situações em que o sujeito é o foco oracional e recebe acento contrastivo – que não pode recair sobre um elemento sem conteúdo fonético (RIZZI, 1988, p. 15), como se observa em (7):

(7)

- ¿Quién ha sido?  
– He sido **yo**.  
\* \_\_ He sido.

- b) Em situações em que pronome se associa a um elemento adjetival (8) ou positivo (9):

(8)

Tú *solo* lo hiciste/ \* \_\_ *Solo* lo hiciste. Él *mismo* lo ha resuelto./ \* \_\_ *Mismo* lo ha resuelto.

(9) Tú, *que tienes dinero*, podrás venir. / \* \_\_, *que tienes dinero*, podrás venir.

---

<sup>109</sup> Definição que se encontra no site da Real Academia Espanhola. Disponível em: <<http://lema.rae.es/drae/?val=sujeto>>.

<sup>110</sup> Os exemplos 9, 10 e 11 retirados de Humberto Soares da Silva (2006, p. 44).



- c) Em situações específicas, para se evitar ambiguidades: “[c]uando se muda súbitamente el sujeto, es preciso expresar el nuevo. Los demostrativos tácitos que frecuentemente sirven de sujetos pueden ocasionar ambigüedades ” (BELLO, 2004, p. 287). E “[a] expressão do sujeito é uma opção marcada, funcional, usada em situações de ênfase e contraste ou para desfazer ambiguidade”. (SILVA, 2006, p. 20). Observe-se o exemplo (10):

(10) Si la nación no ama al rey, es porque *se* deja llevar de perniciosas influencias.

(BELLO, 2004, p. 287)

Percebemos que o preenchimento da posição sujeito pelo pronome *se* (que pode fazer referência tanto à *nação* quanto *ao rei* na oração acima dificulta a recuperação da informação (não se sabe quem se deixava levar por influências perniciosas). Desse modo, para evitarmos a ambiguidade, temos os exemplos a seguir:

(11)

- a. Si la nación no ama al rey, es porque *el rey* se deja llevar de perniciosas influencias.
- b. Si la nación no ama al rey, es porque *él* se deja llevar de perniciosas influencias.
- c. Si la nación no ama al rey, es porque *ella* se deja llevar de perniciosas influencias.
- d. Si la nación no ama al rey, es porque *la nación* se deja llevar de perniciosas influencias.

Ainda a respeito da leitura contrastiva sobre os sujeitos plenos em línguas de sujeito nulo como o espanhol, Luigi Rizzi (1988, p. 15) afirma que

dada a existência de uma opção pronominal zero, em línguas como o italiano, a forma expressa será limitada aos casos nos quais é necessária, isto é, quando o sujeito pronominal, tendo valor focal ou contrastivo, deve ser enfatizado (evidentemente, um elemento nulo não pode indicar ênfase).

Segundo pontua Emilio Alarcos Llorach (2000, p. 73), em sua *Gramática de la Lengua Española*,

[e] morfema de persona incluido en el verbo distingue ya cuál de las tres funciona como sujeto gramatical, y así no resulta muy necesaria la presencia de un sustantivo personal para señalar un sujeto explícito: en canto, cantas, canta, están ya expresas como sujeto las personas primera, segunda y tercera. No obstante, es frecuente la aparición de un personal en esa función de sujeto explícito, y no solo en los casos de coincidencia fónica de las formas verbales (como cantaba, cantarí, cante, en que no se distingue la primera de la tercera persona), ni en el caso de la tercera persona (donde la distinción de géneros del personal puede aportar mayor precisión acerca de la referencia concreta al sujeto). También pueden aparecer yo y tú, aunque su referencia personal es evidente e inequívoca en cada acto de habla. Por tanto, la aparición de los sustantivos personales en estos casos de redundancia, tiene marcado carácter enfático y expresivo, y trata de contraponer la persona aludida a las otras.

Da mesma maneira que o preenchimento da posição do sujeito obedece algumas restrições, o mesmo ocorre com o seu apagamento. Não é aleatoriamente que se decide, em língua espanhola ou no português falado no Brasil, pelo preenchimento ou apagamento do sujeito:

Em se tratando de línguas *pro-drop*, como o italiano, o espanhol e o hebraico, tem sido sugerido, na maioria das vezes, que o licenciamento de uma categoria vazia (*pro*) na posição sujeito é opcional. No entanto, algumas pesquisas, como a de Gonçalves (1994), têm evidenciado que essa opcionalidade é apenas “aparente”, haja vista que a legitimação dessa categoria está submetida a contextos estruturais específicos. (SILVA, 2004, p. 263)

Olga Fernández Soriano (1999, p. 1227) afirma que o apagamento ou não do pronome sujeito está em distribuição complementar. Em alguns contextos frasais, a não realização fonética do sujeito é obrigatória em espanhol. Observemos os exemplos (12) e (13):

(12) Pablo es mi amigo de trabajo hace años. *EL* es casado com Paula. *EL* es estudiante de lenguas en la Universidad de Salamanca, pero *EL* se interesa también por matemáticas.

(13) *YO* llegué temprano a mi casa, pero *YO* no sabia que mi esposo también había llegado y, por eso, *YO* lo llamé por teléfono.

Em (12) e (13), sujeitos nulos são obrigatórios porque os verbos apresentam em suas desinências informações que recuperam os traços gramaticais do sujeito. Desse modo, o preenchimento da posição de sujeito é considerado redundante e desnecessário. Em (12), por exemplo, os verbos *ser* e *interesar*, conjugados em 3ª pessoa do singular, dispensam outras informações (*es*, só pode referir-se a él, assim como *se interesa*); Em (13), os verbos *llegar* e *llamar*, conjugados em 1ª pessoa do singular só fazem referência ao pronome *yo*, o que dispensa o preenchimento da posição de sujeito, bem como a presença do pronome possessivo *mi* dire-

ciona-se para essa mesma pessoa. Em nenhuma dessas situações, encontramos uma necessidade de preenchimento por ênfase, contraste, desambiguação ou distinção.

Nos tempos verbais compostos a seguir, a presença de um pronome realizado foneticamente torna as sentenças agramaticais, como podemos evidenciar em (14) e (15), fazendo-se obrigatória sua não-realização fonética.

(14) \**Habías tú afirmado* antes que no tenías interés en la cuestión.

(*Habías* já pressupõe o pronome *tú*)

(15) \**Habéis vuelto vosotros a hacer* lo mismo.

(*Habéis* já pressupõe o pronome *vosotros*)

Em contrapartida, nos tempos verbais em que não é possível distinguir a primeira da terceira pessoa do singular a partir das especificações da desinência número-pessoal, como mostram os exemplos (16) e (17), os pronomes devem ser realizados foneticamente.

(16) *Estaba yo sentada* oyendo las noticias cuando apareció tu hermana.

(*Estaba* pode referir-se a *yo* ou a *ella*)

(17) No *diría ella* tal cosa. (*Diría* pode referir-se a *yo* ou a *ella*)

### 3. *Procedimentos metodológicos*

A pesquisa desenvolvida teve como método o hipotético-dedutivo e como métodos de procedimento, o comparativo e o estatístico, aquele possibilitou estabelecer comparações em busca de uma possível interferência morfossintática do português do Brasil no espanhol falado por nativos residentes no país há mais de dez anos, enquanto este proporcionou a análise quantitativa dos dados. Para tanto, foram analisadas construções frasais declarativas finitas selecionadas a partir de entrevistas informais realizadas.

Trabalhamos com um *corpus* sincrônico, visando à compreensão do parâmetro do sujeito nulo e verificando se, nos dados do espanhol em análise, é possível encontrarmos, por exemplo, contextos que seriam obrigatórios de sujeitos nulos e que têm sujeitos plenos.

### **3.1. População investigada e coleta e seleção dos dados**

A população investigada é composta por nativos espanhóis residentes no Brasil há, pelo menos, 10 (dez) anos. Foram entrevistados estrangeiros com faixa etária entre 18 e 60 anos, oriundos de diferentes localidades da Espanha. Vale lembrar que essa escolha não foi pré-requisito para a seleção dos informantes, uma vez que nossa pesquisa está centrada na análise do espanhol peninsular das mais diferentes localidades da Espanha. A escolha pelo espanhol peninsular se deu por questões facilitadoras de contato com os informantes (vários informantes entrevistados com os quais já tínhamos contato prévio). Das informações extralinguísticas, interessou-nos apenas a idade e o tempo de permanência do nativo no país, este para termos uma ideia do período de contato entre as duas gramáticas e aquele para testarmos a hipótese de que os mais idosos são mais conservadores no que concerne à língua nativa, no sentido de que tendem a produzir muitos sujeitos nulos, sofrendo assim menos interferência do português brasileiro.

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas informais para posterior etapa de transcrição. Foram entrevistados 10 (dez) nativos residentes no Brasil por meio de gravações de áudio em ambiente fechado para garantir a qualidade da gravação. As perguntas elaboradas foram adequadas a cada informante, a fim de incentivá-los a falar o máximo possível, com interferência mínima do pesquisador. As perguntas e respostas foram formuladas em língua espanhola e em situação de informalidade. Os primeiros 5 (cinco) minutos das gravações foram descartados e cada entrevista durou, em média, entre 30 e 40 minutos, totalizando cerca de 3 (três) a 4 (quatro) horas de gravação<sup>111</sup>. Para desenvolvermos o estudo, foram eleitas variáveis linguísticas e seus respectivos fatores a partir das quais os dados selecionados foram codificados.

## **4. Análise do corpus: resultados em breves palavras**

Analizamos o PNS no espanhol peninsular, comparando-o com os resultados até então obtidos para o português brasileiro. Para analisarmos os dados a partir do que já foi verificado em pesquisas sobre o português brasileiro, selecionamos as variáveis que foram usadas para codificarmos

---

<sup>111</sup> Todos os dados que, de alguma maneira, identificavam os informantes foram excluídos da pesquisa, a fim de preservar sua identidade, como lhes foi garantido antes das entrevistas e perante o Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco.

as incidências de sujeitos plenos e nulos. As variáveis que destacamos como pontos fulcrais de observação foram:

#### 4.1. Variável dependente:

1- Sujeito Nulo	2- Sujeito Pleno
-----------------	------------------

#### 4.2. Variáveis independentes:

##### 4.2.1. Posição do sujeito pleno

A- Sujeito pré-verbal	B- Sujeito pós-verbal
-----------------------	-----------------------

##### 4.2.2. Tipo do verbo:

C- Verbo intransitivo	E- Verbo inacusativo
D- Verbo transitivo	F- Verbo de ligação

##### 4.2.3. Tipo de Oração

G- Oração encaixada	H- Outras orações
---------------------	-------------------

##### 4.2.4. Duplicação do Sujeito Pleno

L- (+) duplicação	M- (-) duplicação
-------------------	-------------------

##### 4.2.5. Referência semântica do sujeito

N - 1ª pessoa do singular (“Yo”)	Q - 1ª pessoa do plural (“Nosotros”)
O - 2ª pessoa do singular (“Tú”)	R - 2ª pessoa do plural (“Vosotros”)
P - 3ª pessoa do singular (“Él / usted”)	S - 3ª pessoa do plural (“Ellos / Ustedes”)

##### 4.2.6. Faixa Etária

(+) Mais de 40 anos	(-) Menos de 40 anos
---------------------	----------------------

Após a codificação dos dados, foi realizada a análise estatística comparativas dos resultados obtidos. A codificação dos dados se fez por meio de análise do contexto frasal com base nas variantes dependentes e independentes. Cada frase foi decomposta e cada variante foi codificada por meio da letra ou símbolo correspondente à sua categoria. Desse mo-

do, a nível de exemplo, para a frase “Yo veo mucha mediocridad al rededor” equivale a seguinte codificação representada em (18):

(18) Yo veo mucha mediocridad al rededor: 2 / A / D / H / N / O / U / (+)

Tal codificação se traduz em: Sujeito pleno / sujeito pré-verbal / verbo transitivo / outras orações/ - duplicação / 1ª pessoa do singular / + concordância / Mais de 40 anos

Os nossos dados apontaram para um resultado positivo com relação ao preenchimento da posição sujeito por pronomes plenos. Observamos que, em contextos específicos como os de orações coordenadas e encaixadas, ocorreram esses sujeitos, independentemente de ênfase, contraste ou desambiguação, indo de encontro ao que ocorre no espanhol europeu em contextos monolíngues. Nesse sentido, verificamos que os informantes parecem reconfigurar o parâmetro do sujeito nulo, assemelhando-se ao português brasileiro, por não obedecerem a restrições impostas pela gramática internalizada do espanhol europeu adquirida em contexto monolíngue que só admitiria sujeitos plenos em caso de ênfase, contraste ou desambiguação. (Cf. SILVA, 2006; SORIANO, 1999; LUJÁN, 1999)

Sobre a referência semântica dos sujeitos nulos e plenos, observamos que a maior parte está relacionada à primeira pessoa do singular. Esse resultado nos parece natural, uma vez que os dados foram coletados por meio de entrevistas individuais em que cada informante falava sob suas perspectivas acerca dos mais diferentes assuntos. Desse modo, pelo gênero e pelo teor da entrevista, era de se esperar manifestações mais individualistas (voltadas para a 1ª pessoa).

No que se refere ao tipo de oração e à duplicação do sujeito (pouco produtivos em contextos monolíngues em termo de frequência), chegamos à conclusão de que há interferência do português brasileiro no espanhol europeu falado pelos nativos residentes no Brasil. Quanto à posição do sujeito pleno e à morfologia de flexão verbal, não constatamos interferência.

No concernente à posição do sujeito, o espanhol europeu, ao contrário do português brasileiro, apresenta sujeitos pós-verbais com todos os tipos de verbos, assemelhando-se a outras línguas de sujeito nulo prototípicas como o português europeu e o italiano. Caso houvesse interferência, seria esperado que os falantes só produzissem esses sujeitos em contextos monoargumentais, em específicos contextos construídos com

verbos inacusativos como ocorre em português brasileiro. (Cf. BERLINCK, 2000; KATO, 1999; COSTA & FIGUEIREDO SILVA, 2003)

Com relação à morfologia de flexão verbal, observamos nos dados em análise que, ao contrário do português brasileiro que possui um AGR pobre (cf. DUARTE, 2000; GALVES, 2001; SILVA, 2004), o espanhol europeu caracteriza-se por possuir o AGR rico, seguindo as propostas de Ian Roberts e Mary Aizawa Kato (1993) e Charlotte Galves (2001), à semelhança do que ocorre no espanhol europeu em contexto monolíngue. A concordância verbal é categórica (100%) em todos os contextos analisados. Esse resultado, portanto, levou-nos a refletirmos acerca da interface morfologia/sintaxe defendida por muitos pesquisadores com relação ao parâmetro do sujeito nulo (cf. TARALDSEN, 1978; RIZZI, 1997), pois, embora tenha AGR rico, há um grande percentual de sujeitos plenos (49%), ao contrário do que foi observado pela pesquisa desenvolvida por Humberto Soares da Silva (2006) em contexto monolíngue do espanhol europeu, em que esses sujeitos apresentam apenas um percentual de (27%) contra (73%) de sujeitos nulos.

A interferência é verificada quando analisado o tipo de oração. No que se refere às orações coordenadas e encaixadas, observamos, tomando por base a leitura referencial dos sujeitos (leitura correferencial e disjunta), que os falantes ora usam pronomes plenos em muitas situações, em que o sujeito nulo era obrigatório em sua língua materna, ora usam estes sujeitos nulos em contextos que seriam obrigatórios sujeitos plenos para desambiguar ou contrastar.

Sobre as duplicações do sujeito, não paira dúvida de que se trata de uma interferência do português brasileiro no espanhol europeu, pois, nesta língua, sujeitos duplicados são inadmissíveis sem que haja uma pausa entoacional, característica nem sempre presente nos dados. É interessante percebermos que, embora não sejam produtivas no espanhol europeu em contexto monolíngue, os sujeitos duplicados encontrados nos dados, ao contrário do que ocorre em português brasileiro (cf. SILVA, 2004), apresentam as mesmas restrições observadas no português europeu.

Sobre a faixa etária e o tempo de permanência dos nativos no Brasil, chegamos à conclusão de que os informantes mais idosos, mesmo os que residem a mais tempo no Brasil, demonstraram uma tendência maior ao uso de sujeitos nulos, apresentando menos desvios em relação à sua gramática adquirida em contexto monolíngue. Em linhas gerais, perce-

bemos que entre os mais idosos, a ocorrência de sujeitos plenos nas amostras coletadas é baixa, corroborando a ideia de que as pessoas mais idosas são mais conservadoras no que diz respeito à língua materna. Mesmo que nosso trabalho não tenha propósitos sociolinguísticos, alguns estudos nesta área confirmam tal hipótese sobre outros fenômenos linguísticos. (Cf. SCHERRE, 1998; PAIVA, 1998; SOUZA, 2007)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Edivalda Alves de. Contato linguístico: uma análise comparativa de construções de tópico nulo na escrita e na oralidade. *PAPIA* 22 (1), 2012. p. 111-128. Disponível em:

<<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1685/1496>>.

BADÍA MARGARIT, Antoni Maria. La omisión del sujeto en español. In: Homenaje a Alonso Zamora Vicente (volumen 1). Madrid: Castalia, 1988. p. 361-368.

BARBOSA, Pilar; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & KATO, Mary Aizawa. A distribuição do sujeito nulo no português europeu e no português brasileiro. In: *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 2001. p. 539-50.

BASSETTO, Bruno Fregni. Situação Atual das Línguas Românicas. *Anais do II Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: vol. II, 1999, p. 61-67.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BELLETTI, Adriana. Inversion as focalization. *Università di Siena* (Revised version). Junho. [Mimeo], 1999.

BELLETTI, Adriana; LEONINI, Chiara. Subject inversion in L2 Italian. In: FOSTER COHEN, Susan H.; SHARWOOD SMITH, Michel; SORACE, Antonella; OTA, Mitsuhiko. (Eds.) *Eurosla Yearbook*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

BELLO, Andrés. *Gramática de la lengua castellana*. Madrid: EDAF, 2004.

CABANA, Nasle Maria. Estudo em tempo aparente em tempo real do uso do sujeito nulo na fala de Belo Horizonte. *Domínios de Linguagem*, Ano 1, nº1 – 1º Semestre de 2007. Disponível em:



<<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/11404/6688>>.

CAPILLA, María Carolina Calvo. *Espanhol e português em contato: O Atrito da L1 de Imigrantes Espanhóis no Brasil*. (Dissertação de Mestrado em Linguística). Brasília: UBB, 2007.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. 2. ed. Dor-drecht: Foris, 1981.

\_\_\_\_\_. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

\_\_\_\_\_. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. Nova Iorque: Praeger, 1986.

COSTA, João; GALVES, Charlotte. External subjects in two varieties of Portuguese evidence for a non-unified analysis. In: BEYSSADE, Claire; BOK-BENNEMA, Reineke; DRIJKONINGEN, Frank A .C.; MON-ACHESI, Paola. *Romance languages and linguistic theory 2000, Utrecht*, 30 November-2 December. vol. 232. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. Disponível em:

<<http://www.swanboathire.com.au/lib/download/asin=0:00839045&type=stream>>.

COSTA, João; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. Nominal and verbal agreement in Portuguese: *an argument for Distributed Morphology*. Lisboa, 2003.

COSTA, João. PB e PE: orientação para o discurso importa? *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista: v. 8, n. 1, 2010. p. 123-143. Disponível em:

<<http://www.cpepin.org/estudosdalinguagem/ojs/index.php/estudosdalinguagem/article/download/176/259>>.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1981.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Sobre os tratamentos transformacionalista e léxicointerpretativo das construções passivas em português. 1978. (Dissertação de Mestrado em Linguística). – UnB. Brasília.

CURTISS, Susan. A critical period for the acquisition of grammar: *Evidence from feral and isolated children*. UCLA Working Papers in: *Cognitive Linguistics*, 1980.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintáticodiacrônico*. 1994. (Tese de Doutorado em Linguística). UNICAMP. São Paulo.

\_\_\_\_\_; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; KATO, Mary Aizawa. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda Vailati. (Orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 55-73.

DEUS, Sofia. O Tétum-Díli como língua não-*pro-drop*: na senda do Caboverdiano. *XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2011, p. 226-241.

DUARTE, Inês. *A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*. (Tese de Doutorado em Linguística). Universidade de Lisboa, 1987.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil”. *DELTA* 8, n. Especial. 1992. p. 37-52.

\_\_\_\_\_. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.

\_\_\_\_\_. A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro. 1995. (Tese de Doutorado em Linguística). Campinas: UNICAMP.

\_\_\_\_\_. Left-Dislocated Subjects and Parametric Change in Brazilian Portuguese. In: Proceedings of the 16th International Congress of Linguists. Paris: Syntax, 1998. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Sociolinguística Paramétrica: *Perspectivas*. In: HORA, D. Da & CHRISTIANO, E. (orgs.). *Estudos Linguísticos: Realidade Brasileira*. João Pessoa: *Ideia*, 1999. p. 107-14.

\_\_\_\_\_. The loss of the ‘avoid pronoun’ principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda Vailati. (Eds.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid: Iberoamericana, 2000. p. 17-36.

\_\_\_\_\_. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, Maria da Conceição & DUARTE, Maria Eugênia

Lamoglia (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

ELLIS, Nick C. Cognitive approaches to SLA. *Annual Review of Applied Linguistics* 19, 1999, p.22-42.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática*. São Paulo: Ática, 1994.

FARIA, Pablo. Princípios e Parâmetros: *É Possível Pensar em Reconfiguração de Parâmetros? Língua, Literatura E Ensino*, Maio. Vol. III. 2008, p. 173-182.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Complementação de predicado em português*. (Tese de Doutorado em Linguística). PUC-SP. São Paulo, 1974.

FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. El pronombre personal: *formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos*. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española: sintaxis básica de las clases de palabras* (Vol. 1). Madrid: Espasa, 1999.

GALVES, Charlotte. O enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. Tópicos e Sujeitos Pronomes: *Concordância no Português Brasileiro*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 1998.

GUASTI, Maria Teresa. *Language Acquisition. The growth of grammar*. MIT Press, Cambridge, Mass, 2002.

\_\_\_\_\_; RIZZI, Luigi. Null Aux and the acquisition of residual V2, in: *Proceedings of the 20th annual Boston University Conference on Language Development*; 201, Andy Stringfellow et-al (ed.) Cascadilla Press, 1996, 284-295.

GONÇALVES, Matilde. *Para uma redefinição do parâmetro do sujeito nulo*. (Dissertação de Mestrado em Linguística), Universidade de Lisboa, 1994.

HUANG, Cheng-Teh James. *Pro-drop in Chinese: a generalized control theory*. In: JAEGGLI, Osvaldo; SAFIR, Kenneth J. *The null subject parameter*. Dordrecht, London: Kluwer Academic Publishers, 1989, p. 185-214.

KATO, Mary Aizawa. Os frutos de um projeto herético: *parâmetros na variação*. In: HORA, Dermeval da; CHRISTIANO, Elizabeth. (Orgs.). Estudos Linguísticos: *Realidade Brasileira*. João Pessoa: Ideia, 1999a.

\_\_\_\_\_. A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil. Fórum Linguístico. Florianópolis, Pós-Graduação em Linguística, UFSC, 1999, p. 1-21.

\_\_\_\_\_. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: \_\_\_\_; NEGRÃO, Esmeralda Vailati. (Ed.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid: Vervuert, Iberoamericana, 2000.

\_\_\_\_\_; RAMOS, Jânia. *Trinta Anos De Sintaxe Gerativa no Brasil, D.E.L.T.A.*, Vol. 15, n.º especial, São Paulo: 1999.

KAYNE, Richard S.; POLLOCK, Jean-Yves. Stylistic inversion, successive cyclicity and move NP in French. *Linguistic Inquiry*, v. 9. p. 595-621, 1978.

KAYNE, Richard S. Microparametric Syntax. Some Introductory Remarks. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Parameters and Universals*. Oxford: Oxford University Press, 2000, 3-9

LLORACH, Emilio Alarcos. *Gramática de la Lengua Española*. Real Academia Española. Madrid: Espasa Calpe, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Globo: Rio de Janeiro, 2002.

LUJÁN, Marta. Expresión y omisión del pronombre personal. In: BOSQUE, Ignacio e DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española: sintaxis básica de las clases de palabras* (Vol. 1). Madrid: Espasa, 1999.

MARINS, Juliana Esposito. O parâmetro do sujeito nulo: *uma análise contrastiva entre o português e o italiano*. (Dissertação de Mestrado em Linguística), UFRJ: Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_; SILVA, Humberto Soares da. O comportamento das línguas românicas em relação ao parâmetro do sujeito nulo. *SIGNUM: Est. Ling.*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 191-216, jul. 2009.

MARTINS, E. John. Origem e função dos pronomes complemento de terceira pessoa. *Letras de Hoje*, vol. 26, p.123-133, 1976.

MODESTO, Marcello, Sujeitos Nulos em Línguas de Tópico Proeminente, *ABRALIN*, vol. III, no 1, p. 119-145, 2004.

MORAES, Euzi Rodrigues. O infinitivo flexionado em português: *uma análise transformacional*. 1971. (Dissertação de Mestrado em Linguística). UFRJ, Rio de Janeiro.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Aportes de la sociología a la enseñanza de lenguas. *Revista de Estudios de Adquisición de la Lengua Española*, (REALE), Alcalá de Henares, n. 1, p. 107-135, 1994.

MOURA, Maria Denilda. (Org.). Os Desafios da Língua: *Pesquisas em Língua falada e Escrita*. EdUFAL: Maceió, 2008.

MOURA, Maria Denilda; FARIAS, Jair. (Orgs.). *Reflexões sobre a sintaxe do português*. Maceió: Edufal, 2005.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. O princípio de projeção estendida no português brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 141-155. jul./dez.. Editora da UFPR, 2001.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati; MÜLLER, Ana Lúcia de Paula. As mudanças no sistema pronominal brasileiro: substituição ou especialização de formas. *D.E.L.T.A.* 12: 125-152, 1996.

NOVAES, Celso. Representação mental do sujeito nulo no português do Brasil, *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.59-80, jul./dez. 1997.

ORSINI, Mônica Tavares; PAULA, Mayara Nicolau de. As construções de deslocamento à esquerda de sujeito nas falas culta e popular: *um estudo de tendência*, *Revista Investigações* - Vol. 24, nº 2, Julho/ 2011.

POLLOCK, Jean-Yves. Langage et Cognition. Introduction au programme minimaliste de la grammaire generative. Paris: PUF, 1998

PONTES, Eunice. Sujeito: da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática; Brasília: INL, 1986.

QUADROS, Ronice Müller de. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

RIZZI, Luigi. The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar. In: *10th ADVANCED COURSE "LANGUAGE AND COGNITION"*. Foundation Archives Jean Piaget, Geneva, p. 1-20, October 10, 1988.

ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. A generalização de Taraldsen e a mudança linguística: *dois modos de perder sujeitos nulos*. In: TORRES MORAIS, Maria Aparecida Correa Ribeiro; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. (Orgs.). *História do português paulista. Série Estudos*, v. II. Campinas: UNICAMP, Publicações IEL, 2009.

\_\_\_\_\_. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1996.

ROMUALDO, Jonas de Araújo. *Cláusulas comparativas do português*. (Dissertação de Mestrado em Linguística). UNICAMP. São Paulo, 1975.

SILVA, Humberto Soares da. *O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol*. (Dissertação de mestrado em Linguística). UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Cláudia Roberta Tavares. *A natureza de Agr e suas implicações na ordem VS: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu*. Maceió: UFAL, 2004.

TARALDSEN, Knut Tarald. The scope of Wh movement in Norwegian. *Linguistic Inquiry*, 1978, p. 623-640.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. SÃO PAULO: Scipione, 1996.